

Crianças negras e os impactos do racismo escolar no processo de ensino e aprendizagem no primeiro ano do ensino fundamental

José Douglas de Abreu Araújo

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ceará, Brasil

Karen Virgínia da Silva Guedes

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Ceará, Brasil

RESUMO

Este estudo investiga os impactos do racismo no ensino e aprendizagem das crianças negras, considerando a escola como um espaço para a construção identitária e o desenvolvimento das crianças. A pesquisa tem como objetivo compreender, a partir da experiência de professores, como o racismo se reflete no processo de ensino e aprendizagem das crianças negras de uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública da cidade de Iguatu-CE. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, descritiva e narrativa da prática, voltada à compreensão reflexiva dos sentidos da experiência. Foi realizada em uma escola pública de Iguatu-CE, com produção de dados por meio de observações em sala de aula e registros em diário de campo ao longo de oito aulas, incluindo situações significativas e falas espontâneas de professoras. Os resultados indicam que o racismo está presente nas interações diárias e contribui para a exclusão dos alunos negros, prejudicando seu desempenho. Destaca-se ainda, a necessidade da implementação plena da Lei nº 10.639/03 para a promoção da equidade racial na educação.

Palavras-chave: Racismo escolar. Crianças negras. Ensino fundamental. Práticas antirracistas.

Black children and the impact of school racism on the teaching and learning process in the first year of elementary school

ABSTRACT

This study investigates the impacts of racism on the teaching and learning of Black children, considering the school as a space for identity formation and child development. The research aims to understand, based on teachers' experiences, how racism is reflected in the teaching and learning process of Black children in a first-grade class at a public school in the city of Iguatu-CE, Brazil. The study followed a qualitative, descriptive, and narrative approach to practice, focused on the reflective understanding of the meanings of experience. It was conducted in a public school in Iguatu-CE, with data collected through classroom observations and field diary records over eight lessons, including significant situations and spontaneous remarks from teachers. The results indicate that racism is present in daily interactions and contributes to the exclusion of Black students, negatively affecting their academic performance. The study also highlights the need for the full implementation of Law No. 10.639/03 to promote racial equity in education.

Keywords: School racism. Black childhoods. Elementary education. Anti-racist practices.

INTRODUÇÃO

Considerando a educação e sua potencialidade transformadora no desenvolvimento e na formação do ser, esse trabalho irá abordar aspectos que se apresentam na realidade da educação escolar, que tem seus princípios e finalidades estabelecidos pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que coloca como dever do Estado e da família, a garantia dessa educação, possibilitando o desenvolvimento do educando, o preparo para exercer sua cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

Uma vez que essa educação tem como dever possibilitar o desenvolvimento das crianças e instruir suas formações para que se tornem cidadãos atuantes e capazes de exercerem plenamente sua cidadania, o espaço educacional precisa perceber as dificuldades e opressões que cercam seus estudantes, como, por exemplo, a tentativa de tirá-los de determinados espaços, de apagar suas histórias, atuações, culturas, conhecimentos e falas, como acontece com a população negra através das manifestações do racismo, que para Almeida (2018), é uma forma sistemática de discriminação, onde a noção de raça construída de forma histórica e política estabelece poder, privilégios e desvantagens de acordo com os grupos raciais.

Diante dessa realidade, é necessária uma educação antirracista e contracolonial, que trabalhe nas escolas o ensino da história e da cultura afro-brasileira, conforme estabelece a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (Brasil, 2003). Essa lei determina o repasse de conhecimentos sobre as contribuições do povo negro nos mais diversos âmbitos para a formação da sociedade brasileira.

A justificativa para este estudo parte da necessidade de compreender os reflexos negativos do racismo na formação das crianças negras, tendo em vista que é essencial entender o racismo, presente nas relações cotidianas da escola que pode afetar diretamente a aprendizagem e o processo de construção das identidades das crianças negras. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública localizada em uma comunidade periférica de Iguatu-CE, com o objetivo de compreender, a partir da experiência de professores, como o racismo se reflete no processo de ensino e aprendizagem das crianças negras de uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública da cidade de Iguatu-CE.

Após essa introdução, será apresentado o referencial teórico sobre a educação das crianças negras no contexto das relações étnico-raciais, seguido da metodologia, que detalha a abordagem e o percurso investigativo do estudo.

EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A partir das lutas da comunidade negra, que atualmente resultam em leis e políticas de promoção à igualdade étnico-racial no Brasil, a educação tem se tornado um campo de transformação. A LDB, por exemplo, apresenta em seu Art. 3º, inciso XII, como um dos princípios do ensino a ‘consideração com a diversidade étnico-racial’ (Brasil, 1996), inclusão promovida pela Lei nº 12.796, de 2013 (Brasil, 2013). Além disso, a Lei nº 11.645/08, que altera a LDB modificada pela Lei nº 10.639/03, estabelece a obrigatoriedade da inclusão no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio, tanto público quanto privado, da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’ (Brasil, 2008).

O uso das teorias de raça e da hierarquização que fundamentaram o racismo e sua presença nas estruturas sociais tem sido uma problemática constante nas escolas. A instituição de ensino, como qualquer outra organização que não se preocupa em ir contra a corrente e desafiar a estrutura racista, acabará por reproduzir os aspectos dessa mesma estrutura. Assim, a escola que não incorpora em seu currículo, metodologias e atividades ações antirracistas e contracoloniais acaba por reforçar o racismo, seja nas formas de ensino, no repasse da história do país, nas atividades propostas, na maneira de tratar as crianças e nas reações diante de situações escancaradamente racistas (Pinheiro, 2023). A não implementação de uma pedagogia crítica, que dialogue com a diversidade e promova o respeito às identidades, compromete o processo de humanização e inclusão, perpetuando, de forma invisível, as desigualdades raciais no ambiente escolar.

Ribeiro (2019) fala sobre como as crianças negras são desde pequenas colocadas na posição de ter que pensar sobre sua condição racial e de como sua cor e suas características são vistas como um problema para a sociedade. Ao chegarem na escola, as crianças negras se deparam com situações diferentes de uma criança branca.

Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era “normal”. “Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser diferente – o que quer dizer não branca – passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida (Ribeiro, 2019, p. 24).

A autora coloca ainda como as crianças brancas não precisam pensar o lugar social da branquitude, pois o mundo que as rodeia, e que é apresentado na escola, é pensado para legitimização única da pessoa branca. Então, o ideal branco é colocado como o certo e as culturas que são apresentadas como superiores, e como aquelas que devem ser seguidas, são as europeias (Ribeiro, 2019). A mesma perspectiva que começa a ser repassada na escola se perpetua no imaginário das pessoas e se apresenta em todos os outros espaços sociais reforçando a ideia de que a pessoa branca é quem deve ocupar os espaços de poder, que o branco é o ideal, o certo, e, ainda, que não há nada de errado com essa estrutura social.

Para Pinheiro (2023), a escola que temos não se propõe a problematizar o privilégio do branco, pois as pessoas brancas não são racializadas. O pensamento predominante é o de que “racializados são os outros, os afastados da humanidade padrão, são ‘os menores’, os ‘menos humanos’” (p. 36). É necessário que a escola faça esse diagnóstico social, buscando medidas para romper com o repasse e o reforço dos estigmas da racialização, de forma que as crianças negras não precisem enfrentar essa realidade tão cruel, marcada pelas falas e ações que as colocam em posições subalternas, além de se verem representadas de maneira negativa na história, sempre a partir da escravização. As crianças brancas também devem ter acesso a esses aspectos, para que possam reconhecer a potencialidade da pessoa negra e não se vejam como os únicos detentores da humanidade, como superiores.

No início do ensino fundamental, onde a educação se torna mais sistematizada, as crianças negras se deparam com um currículo que frequentemente reproduz e reforça o racismo. A história, por exemplo, é um dos campos onde essa manifestação se torna mais explícita. Neste contexto, as crianças não apenas absorvem os conteúdos históricos, mas também as atitudes discriminatórias e estereotipadas que permeiam o ambiente escolar. É um momento crucial, pois é nessa fase que as crianças começam a internalizar essas ideias, muitas vezes carregadas de preconceitos que vêm de casa e de outros espaços sociais. Para as crianças negras, isso tem um impacto profundo, não só em seu bem-estar emocional e social, mas também no seu processo de ensino e aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), que apresenta uma base para toda a educação básica brasileira visando garantir aprendizagens essenciais e um desenvolvimento integral, que vai desde a educação infantil até o ensino médio, com dez competências gerais, é embasada por marcos legais como a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), a LDB de 1996 (Brasil, 1996), o Conselho Nacional de Educação (CNE) com diretrizes curriculares traçadas ao longo da década de 1990 e sua revisão nos anos 2000, e a Lei nº 13.005/2014 que promulgou o Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014 (Brasil, 2014).

No seu compromisso com a educação integral, a BNCC diz que “a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.” (Brasil, 2018, p. 16). Posteriormente, vem a considerar igualdade, diversidade e equidade, onde discorre sobre as desigualdades por “raça, sexo e condições socioeconômicas” (Brasil, 2018, p.17) das crianças, visando condições de acesso e permanência para todos. Destaca, na sequência, que “um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendente [...]” (Brasil, 2018, p. 18).

Munanga (2005), em seu livro “Superando racismo na escola”, faz uma reflexão sobre a importância de ser considerado nos currículos o objetivo de conhecer e respeitar as diversas culturas e contribuições de grupos étnicos presentes em nossa sociedade, sem que seja, da forma como sempre se trabalhou nos livros e materiais pedagógicos, “estereotipada” e “caricatural”, e, sem que a visão de humanidade e cidadania seja representada apenas pelo homem branco de classe média. Para isso, é essencial que os professores tenham formações que contemplam as necessidades educacionais e que compreenda as problemáticas que compõem o racismo.

Munanga (2005) irá destacar a importância de o professor conseguir identificar e corrigir estereótipos como os presentes nos livros didáticos, por exemplo, pelo sentido de veracidade que lhe é atribuído, por ser, na maioria das vezes, o único livro que as crianças das classes populares terão acesso. O único ou um dos poucos recursos dos professores de escolas públicas, mas que traz a presença da população negra na história de maneira estereotipada, há uma ideologia de branqueamento que é propagada por esses livros, que internaliza na criança negra uma imagem negativa sobre si e a imagem positiva exclusiva do outro. Em um outro escrito, o autor destaca:

Não é por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram. A história da África na historiografia colonial foi negada e quando foi contada o foi do ponto de vista do colonizador. Da mesma maneira, a história do negro no Brasil passou pela mesma estratégia de falsificação e de negação e quando foi contada o foi do ponto de vista do outro e de seus interesses (Munanga, 2015, p. 12).

Uma das estratégias de dominação do colonizador é a de apagar ou adulterar fatos da história, de se colocar como merecedor do lugar que ocupa socialmente (com todos os seus privilégios), de colocar o outro no lugar de inferior, de quem tem menos força, inteligência, potência, e que por isso está localizado na posição abaixo. Assim, ele se legitima no poder, contando a história pelo seu viés, pretendendo que a população negra não consiga construir sua identidade de forma positiva e não saiba da grandeza da força e potência de seus ancestrais para que não ameace abalar as estruturas da pirâmide em que o colonizador se colocou e se encontra no topo.

Pinheiro (2019) faz a seguinte reflexão: “precisamos resgatar a dignidade e a real humanidade de pessoas negras por meio da socialização de uma autoimagem positiva na juventude deste país.” (p. 341) para que, a partir da visibilidade, em um trabalho na escola básica e no ensino superior, da socialização de produções e conhecimentos da população diaspórica, as pessoas negras, como os outros humanos, passem a serem vistas como “igualmente potenciais” (Pinheiro, 2019).

Uma educação potencializadora para todas as crianças precisa considerar a importância de uma educação antirracista nos documentos que regem suas atividades, como é o caso do Projeto Político Pedagógico (PPP). Para Veiga (2013), o PPP vai além da organização de um conjunto de atividades e ensinos. Ele deve estar presente na prática, envolvido em todas as vivências da escola.

Por seu caráter político e seu compromisso com interesses dos componentes da comunidade escolar é que a elaboração do PPP precisa considerar um diagnóstico social, olhando para as necessidades dos estudantes, para a população que lhe cerca e que ocupa o espaço da escola, perceber os entraves da comunidade, enxergar que em uma sociedade como a nossa, é inviável que uma instituição de ensino não se preocupe com questões como o racismo, que não entenda a importância de seu papel na vida de cada criança que está inserida ali e que pode impactar de forma positiva, mas, infelizmente, também de forma negativa na formação de cada sujeito.

METODOLOGIA

A pesquisa de campo adotou uma abordagem qualitativa e descritiva (Gil, 2002), uma vez que buscou identificar as manifestações de racismo no cotidiano escolar e compreender como essas dinâmicas impactam o processo de ensino e aprendizagem de crianças negras. O estudo foi realizado em uma escola pública do município de Iguatu, Ceará, escolhida em virtude de experiências prévias da pesquisadora na instituição e pelo contexto de vulnerabilidade social da comunidade atendida. A realização da pesquisa contou com a anuência da gestão escolar, que autorizou o acompanhamento das turmas e a produção de registros em sala de aula. Tal anuência foi formalizada e garantiu as condições necessárias para a observação participante, respeitando a ética acadêmica e a preservação da identidade dos sujeitos envolvidos.

A produção de dados ocorreu por meio de observações em sala de aula e registros em diário de campo, que se configuraram como instrumentos centrais da pesquisa. Ao longo de oito aulas, foram anotadas situações significativas, falas espontâneas de professoras e estudantes, além de reflexões interpretativas da pesquisadora sobre os episódios presenciados. Essas anotações, permitiram captar nuances do cotidiano escolar que evidenciam a presença, ou o silenciamento, de práticas racistas.

Para preservar a ética, os registros foram apresentados de forma anônima, sem identificação direta das(os) participantes. Nesse sentido, quando uma professora ou criança é mencionada, trata-se de notas de campo. A pesquisa foi conduzida no âmbito da narrativa da prática, entendida como movimento reflexivo e formativo que busca compreender os sentidos da experiência (Passegi, 2011), sem a pretensão de individualizar ou expor sujeitos.

Os registros foram organizados em três conjuntos: Observações gerais das aulas, notas reflexivas e falas espontâneas das professoras. Esse material empírico possibilitou a elaboração de categorias analíticas interpretativas, como “percepções docentes sobre desigualdades raciais”, “estratégias pedagógicas de enfrentamento” e “silenciamentos e resistências”.

A análise dos dados foi conduzida a partir da metodologia proposta por Gibbs (2009), orientada pela codificação temática. Nesse processo, buscou-se integrar os registros empíricos com a literatura sobre relações étnico-raciais e educação, permitindo compreender como o racismo se manifesta nas práticas cotidianas e como repercute nas experiências escolares das crianças negras.

Após a sistematização analítica, são apresentados os resultados da pesquisa, seguidos de reflexões críticas acerca do racismo presente nas entrelinhas do cotidiano do primeiro ano do ensino fundamental.

O RACISMO NAS ENTRELINHAS DO COTIDIANO DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A importância de realizar um estudo em uma comunidade de vulnerabilidade social, marcada pelas questões de raça e classe, é fundamental para entender como esses fatores podem impactar o aprendizado das crianças negras. Para isso, foi necessária a observação para identificar possíveis manifestações de racismo, tanto entre alunos quanto entre alunos e professores, e analisar se as práticas pedagógicas reforçavam estereótipos racistas ou se apresentavam posturas antirracistas. Também foi fundamental observar o comportamento das crianças negras nas aulas, verificando se elas estavam ativas, interagindo com os colegas e professores, ou se mostravam mais tímidas e reclusas.

Durante a observação de oito aulas, foi possível notar que cerca de metade da turma era composta por crianças negras, que pareciam bem entrosadas e participativas. Não foram identificados atos de racismo explícitos entre as crianças, mas, conforme aponta Ribeiro (2019), o racismo é muitas vezes invisível e se manifesta de maneiras sutis. A professora 01 relatou episódios como a recusa de uma criança branca em pegar na mão de uma colega negra com deficiência, e a resistência dos pais em permitir que seus filhos participassem de atividades relacionadas às religiões e culturas afro-brasileiras. Essas atitudes indicam a presença do racismo no ambiente escolar, que pode ser refletido nas atitudes das crianças, influenciadas pelos estigmas raciais e culturais presentes na sociedade.

Nas observações das aulas, foi notável o empenho das crianças negras em resolver as atividades propostas. Algumas demonstraram boa compreensão dos conteúdos, como leitura e matemática, embora uma criança negra com deficiência apresentasse dificuldades e fosse menos participativa. Além disso, em uma conversa entre a monitora e a professora, foi feita uma piada sobre "escrava branca", o que revela a normalização do racismo na linguagem e o humor racista, que perpetuam estigmas raciais. Essa situação destaca como o racismo recreativo, como afirma Moreira (2020), pode ser introduzido de forma disfarçada no ambiente escolar, afetando a percepção das crianças e reforçando hierarquias raciais. A observação,

portanto, foi fundamental para compreender os aspectos cotidianos do racismo na escola e seus efeitos sobre a formação das crianças.

Após a realização das observações em sala de aula, a análise foi aprofundada por meio dos registros no diário de campo. Inicialmente, foram anotadas percepções das professoras sobre o que entendem por racismo e como ele se manifesta no contexto escolar, especialmente em suas aulas. A Professora 01 destacou que o racismo é algo prejudicial e que se manifesta de diferentes formas, inclusive no âmbito familiar, quando as crianças trazem situações de casa, e foi registrado:

No ano passado tive um aluno do primeiro ano que passava por situações vindas da própria mãe. Ele me dizia que escutava xingamentos, que ela dizia que ele não era capaz, que não aprendia por ser negro, entre outras coisas. Esse foi um caso que me marcou. Ele dizia que só era feliz na escola (Professora 01, 2024. Registros do Diário de Campo, 08/10/2024).

Com esse forte relato é possível perceber como as crianças negras passam por situações que lhes atravessam a todo momento, sofrem diversas agressões que podem acontecer em todos os espaços, inclusive naqueles onde menos se espera que isso aconteça. O ambiente familiar é para as crianças negras, na maioria das vezes, o único ambiente que lhe enxerga no lugar de potente e inteligente, no lugar da humanidade com todas as suas subjetividades e, simplesmente, como uma criança, tendo respeitado seu desenvolvimento. Porém, algumas crianças não podem contar com esse respeito e cuidado nem mesmo em casa e as crianças negras e pobres são as mais propensas a enfrentarem esse tipo de realidade, considerando a quantidade de opressões que atravessam seus familiares e a elas próprias.

A professora 01, em nossas conversas, demonstrou dificuldade em definir sobre o conceito de racismo, visto que ela fez a exposição de duas experiências específicas que aconteceram em sua atuação docente, sem uma compreensão estruturada, o que pode ser compreendido como uma carência de letramento racial.

Moreira (2024) fala sobre esse tipo de percepção como se o racismo se resumisse apenas a atos específicos de indivíduos contra pessoas de grupos raciais específicos. Ele destaca que há pessoas que não se engajam quando se fala em debates sobre racismo e ainda não compreendem sua natureza política, como se o racismo estivesse apenas nas interações individuais e não compreendem sua dimensão institucional e estrutural. O autor vai falar sobre a importância de um letramento racial para o entendimento do racismo como um problema de

ordem política porque ele esbarra no funcionamento da democracia. Os professores precisam desse letramento racial visto que a escola é um espaço hostil para as crianças negras. Na conversa com a professora 02, sobre essa problemática, ela definia o racismo como uma herança cultural e explica:

Se eu for pensar em um modo geral, para todas as idades, adultos, a gente pode ver até como um ato cruel, mas quando penso em um contexto escolar, com crianças, eu penso em uma herança cultural que infelizmente está tão enraizada que a gente não tem conseguido quebrar essa raiz tão negativa do preconceito, do racismo (Professora 02, Registros do Diário de Campo, 15/10/2024).

A narrativa da professora 02 coloca o racismo como uma herança cultural, o que pode ser considerado uma reflexão relevante quando se pensa no processo de colonização e nas antigas concepções de raças e hierarquias que ainda permanecem vivas na sociedade. “Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas” (Bento, 2022, p. 23). Essa herança impacta de forma negativa as pessoas negras e beneficia as pessoas brancas. Como a professora mencionou, ainda não foi possível quebrar essa estrutura; ela segue firme e presente, se transformando e se atualizando ao longo dos anos, atingindo as pessoas negras em todos os espaços, inclusive no ambiente escolar.

Em uma conversa com as professoras sobre a possibilidade de o racismo impactar nas aprendizagens das crianças negras, afetando seu comportamento e desempenho na escola, a professora 01 compartilhou sobre a situação apresentada acima. Ela acredita que o racismo impacta na aprendizagem e relatou:

Sobre essa mesma criança que já falei, ele era muito inteligente, sabia ler e escrever, mas chegava na escola, principalmente nas segundas-feiras, com baixa autoestima, dizia que a mãe tinha brigado no final de semana, que ela tinha quebrado as coisas em casa, por isso e pelas coisas que ele escutava ele ficava dizendo que não era capaz de aprender, tinha momentos em que ele ficava agressivo, chorava, saia correndo de dentro da sala, precisando a gente intervir, entre outras coisas que ele fazia (Professora 01, Registros do Diário de Campo, 15/12/2024).

Nesse caso, pode-se refletir que a família da criança, num contexto desestruturado para o seu desenvolvimento e formação, provavelmente é atingida por diversas questões, e, que por serem alvo de tantas opressões, acabam por reproduzi-las em cima da própria criança. Algo muito cruel, mas que se trata do retrato da maioria das famílias que se encontram nas áreas mais pobres, nas periferias.

Conceição Evaristo (2023) apresenta algumas histórias que retratam a vida das pessoas atingidas por questões de raça, classe e gênero. Em uma das histórias intitulada “A gente combinamos de não morrer”, pode-se perceber como os marcadores sociais afetam a vida dessas pessoas inseridas em zonas de vulnerabilidade social como é o caso das periferias, e como desde a infância elas são cercadas por violência. Não se pode esquecer que nesses locais há a presença majoritária de pessoas pobres e que buscam suas estabilidades financeiras, crescimento e ascensão social, sem serem fisgadas pela criminalidade, porém, é preciso considerar como aquela violência atravessa sim a todas as pessoas inseridas naquele contexto, e a marginalização por parte do Estado, com esse público, torna praticamente impossível para essas pessoas a mudança, pois não lhes são dadas novas possibilidades e perspectivas.

E por essa razão é que se entende a necessidade de transformar essas realidades, de olhar para uma população que segue nesse ciclo de opressão, e sem condições para quebrá-lo. Os pais sofrem assim como seus antecessores sofreram, os filhos sofrem e, provavelmente, permanecerão no ciclo se não tiverem oportunidades de mudança. Oportunidades que não lhes são dadas por estratégia das classes dominantes.

Bento (2022) fala sobre a estrutura que sustenta a sociedade, sobre o capitalismo que funciona através da exploração do trabalho assalariado e que tem como base a raça, etnia e gênero. Essa construção serve de manutenção das desigualdades sociais no sistema político e econômico.

Na mesma linha, conversou-se com as professoras sobre o impacto do racismo na aprendizagem das crianças negras, e a professora 02 apresenta que vai afetar principalmente porque a criança começa a se isolar, a ficar muito tímida, esquia, com medo de ser rejeitada, então passa a não querer participar das atividades e acrescenta:

Já teve situações de crianças do 1º ano se sentirem recuadas, esquivas, por saber que os colegas não queriam pegar na mão e por escutar certas falas como “não, porque ela é negra”, “ela é feia” e ao perguntar porque a criança achava a outra colega feia ela responder “porque ela é negra” (Professora 02, Registros do Diário de Campo, 22/10/2024).

A professora 02 (Registros do Diário de Campo, 22/10/2024) compartilha que já presenciou situações como essa, inclusive na Educação Infantil, e que a criança negra vai se sentindo excluída e desvalorizada, não fala, não tira as dúvidas no momento das aulas e que ela vai passar o ano inteiro quieta se o professor não intervir, e, o fato de ela não se ver representada

nos livros didáticos, em histórias com princesas e príncipes negros, por exemplo, com boas referências para essa criança, ela vai se sentindo cada vez mais inferiorizada:

Quanto mais a criança negra se vê dessa forma mais ela se esquia da convivência com os demais por se sentir diferente, e isso impacta na aprendizagem, é lógico. A criança não atua como as outras, ela não participa como as outras, não se sente inteligente como as outras, não se acha capaz, isso vai diminuindo-a. Ela vai se sentindo cada vez menor. E se não tem alguém que resgate isso, a família, os professores, ela vai crescer com esse sentimento de inferioridade (Professora 02, Registros do Diário de Campo, 22/10/2024).

O que é possível perceber pontos em comum entre as professoras. As situações de racismo, sejam na escola ou no próprio espaço familiar vão afetar a autoestima das crianças negras e isso reflete no seu comportamento em sala, na sua interação com os colegas, professores e participação nos momentos das atividades, e, fortemente na formação de sua identidade. Neusa Santos Souza (1983) vai apresentar uma reflexão sobre essa formação da identidade da pessoa negra e a complexidade do tornar-se negro em uma sociedade que atravessa negativamente a pessoa negra a todo o tempo com prerrogativas brancas.

As crianças negras enfrentam dificuldades para formar suas identidades com autoestima e orgulho, especialmente em relação à sua história e a dos seus ancestrais, ao serem constantemente cercados pelos padrões brancos. São ensinados que na história as pessoas negras foram escravizadas e somente isso, como uma história única (Adichie, 2019). As crianças negras são cercadas pela padronização branca do que é belo, bom e inteligente, e são apontadas como feias, como menos inteligentes e não se veem representadas positivamente nos espaços. Assim como a professora 02 relatou, se não houver intervenção, essa criança irá crescer com o sentimento de inferioridade. Em diálogo com essa reflexão, temos Fanon (2008):

O problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (Fanon, 2008, p. 59).

É necessário mudar essa realidade, entendendo que a escola pode atuar de maneira positiva, apresentando para as crianças negras novas perspectivas, mostrando-lhes os reais fatos e que a história da população negra não começa pela escravização. Essas crianças precisam ter acesso às histórias do continente africano e de seus ancestrais, e mesmo em contexto brasileiro, que conheçam sobre as pessoas que tanto lutaram e criaram estratégias de sobrevivência, de preservação de seus conhecimentos, costumes, religiões e culturas.

Em um outro momento conversou-se com as professoras sobre situações de racismo envolvendo alunos e professores da escola, para que relatassem casos que já tivessem presenciado. Ambas já haviam relatado situações de racismo sofridas pelos seus alunos e ao ser feita essa pergunta falaram que nunca souberam de nenhum caso envolvendo professores. A professora 01 (Registros do Diário de Campo, 29/10/2024) declarou que a escola trabalha com o tema racismo dentro de círculos de leitura, com reflexão, principalmente com as turmas onde as crianças são maiores e quando acontece algum caso em que se mostra a necessidade de refletir sobre o tema.

A professora 02 (Registros do Diário de Campo, 29/10/2024) relatou que já mediou situações em que crianças brancas excluíam crianças negras e destacou que isso acontecia “por ela achar que aquilo era correto, por achar que ela é melhor, por estar dentro do padrão, achar que ela tem inteligência suficiente por ser branca, por ela ver certos comportamentos e achar normal.” (Professora 02, Registros do Diário de Campo, 29/10/2024). Ainda nessa reflexão a educadora enfatiza que a criança pode não entender a dimensão do racismo, mas ela o reproduz, nos gestos, nas falas e na ação de não querer brincar junto.

A partir dessas compreensões, pode-se ver a configuração da sociedade que cerca a todos. Enquanto as crianças negras serão vítimas do racismo em todos os espaços (na escola, na sala, em casa e demais instituições), a criança branca, ao ser comparada sua posição com a da criança negra, já vai se beneficiando na estrutura, pois já é posto para ela como a sua cor lhe assegura em certos aspectos. Mesmo que ela não entenda, mas ela vai sendo beneficiada em certo grau.

Nas conversas com às professoras sobre as atitudes e práticas que elas acreditavam serem essenciais para a não reprodução de comportamentos racistas na escola e na sala de aula, a Professora 01 afirmou que: “acho importante círculos, as conversas onde os alunos podem falar sobre as coisas que passam, sobre o que sentem e também podem escutar os relatos dos outros, podem fazer esse momento de reflexão.” (Professora 01, Registros do Diário de Campo, 05/11/2024). Enquanto a Professora 02 responde:

Eu acredito que primeira coisa que, enquanto professor, precisamos fazer é ter consciência de que nós precisamos ser antirracistas. Porque se eu tenho essa consciência de que o racismo é uma coisa que não deveria mais acontecer, naturalmente eu vou agir e isso também vai se tornar natural para as outras crianças. [...] Ninguém senta com você para te passar o que é o racismo. Ele é passado para você pelas atitudes, então, se a gente colocar atitudes antirracistas na nossa vida, como propósito de vida, a gente já passa para os nossos alunos essa postura e eles acabam

internalizando também. Mas é claro que tem horas, quando o racismo acontece através de gestos, você tem que sentar, conversar com a turma, explicar, nesse momento de conflito maior. (Professora 02, Registros do Diário de Campo, 05/11/2024).

A Professora 02 (Registros do Diário de Campo, 05/11/2024) ainda falou sobre ser uma mulher negra e, que, para ela, o normal é agir com uma postura antirracista, por ter sido vítima, por lembrar de como se sentia e de não querer que as crianças passem por isso. Nesse momento, ela também relembrou algumas situações pessoais, como quando começou a se autodeclarar como negra e sobre a reação de sua família e de como tal ação foi e é vista de modo pejorativo, até mesmo por sua mãe e avó, que são mulheres negras.

As práticas educativas deveriam se dar por um viés antirracista. Deveriam ser o espaço de acolhimento da diversidade. Entretanto, de acordo com Munanga (2005), o racismo está presente nos livros didáticos com a invisibilidade da diversidade e os estereótipos. Na literatura infantil, quando se apresenta as pessoas negras, elas são colocadas no lugar de “escravas”, condicionando-as de forma totalmente estereotipada, nas discriminações raciais, e, os professores, como os atores de mediação dos conhecimentos, com sua condição de autoridade, precisam compreender o poder que tem em suas mãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar, com a pesquisa, que as manifestações mais explícitas de racismo acontecem pelas próprias crianças, com comportamentos e exclusão de crianças brancas para com as crianças negras e também acontecem pelos familiares e responsáveis dos estudantes, como na presença do racismo religioso, que foi relatado por ambas as professoras. O racismo, histórico e estrutural, contribui para a marginalização das crianças negras na escola, afetando sua autoestima e sua aprendizagem.

Os principais fatores apontados pelas professoras que dificultam mudanças significativas na prática de uma educação antirracista são: a falha na formação inicial, a falta de formação continuada e a falta de suporte da instituição escolar. Também se percebe uma problemática na efetivação da Lei nº10.639/03, que não está distribuída no currículo como deveria, com a presença dos conhecimentos e contribuições africanas e afro-brasileiras, e isso também dificulta a construção de uma metodologia e prática pedagógica contra colonial, que possa ensinar e mostrar para as crianças (brancas e negras) que as pessoas negras também são potentes, inteligentes e criativas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Letramento; Belo Horizonte, MG. 2018.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 nov. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 16 de nov. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial**. Brasília-DF, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 19 de abril de 2023.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 16 nov. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 16 nov. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.005%2C%20DE%2025%20DE%20JUNHO%20DE%202014.&text=Aprova%20o%20Plano%20Nacional%20de,Art. Acesso em: 28 de out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1. ed. 19ª reimpressão, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2023.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIBBES, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre, Artmed; 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOREIRA, A. J. **Racismo recreativo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

MOREIRA, A. J. **Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira**. Editora Contracorrente, 2024.

MUNANGA, K (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: 2005.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do **Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 62, p. 20-31, 2015.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 01, p. 335-352, abr. 2011.

PINHEIRO, B. C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 19, p. 329–344, 2019. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2019u329344. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/13139>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PROFESSORA 01. **Registro em diário de campo** [out. a nov. 2024]. Iguatu: Universidade Estadual do Ceará, 2024. Observações realizadas na pesquisa sobre “Racismo e educação: impactos no processo de ensino e aprendizagem de crianças negras no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola de Iguatu-Ceará”.

PROFESSORA 02. **Registro em diário de campo** [out. a nov. 2024]. Iguatu: Universidade Estadual do Ceará, 2024. Observações realizadas na pesquisa sobre “Racismo e educação: impactos no processo de ensino e aprendizagem de crianças negras no primeiro ano do ensino fundamental de uma escola de Iguatu-Ceará”.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 1 ed. Rio de Janeiro, 1983.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Papirus Editora, 2013.

Recebido em: 02/10/2025

Aprovado em: 26/01/2026